

Awon Omodé: as linguagens africano-brasileiras no currículo da educação infantil

Rosângela Accioly Lins Correia

Pedagoga pela Universidade do Estado da Bahia / Brasil
Professora no Município de Lauro de Freitas
E-mail: ranaccioly@gmail.com

RESUMO: O tema proposto procura aproximar o leitor/a das linguagens africano-brasileiras que são desenvolvidas no Centro de Educação Infantil Vovô Zezinho, no bairro de Arenoso em Salvador na Bahia com crianças na idade de três anos. Observamos que toda prática pedagógica apela para as linguagens, valores éticos e estéticos do contínuo civilizatório africano-brasileiro que caracteriza a comunalidade de Arenoso, influenciando a organização do espaço escolar, sua arquitetura, formação dos educadores/as, a relação dos educadores/as e funcionários com as crianças e suas famílias, os conteúdos, material didático, temporalidade, entre outros que caracterizam a creche. Tratou-se de um estudo de caráter etnográfico, dedicado a lidar com a singularidade do bairro que abriga a presença de comunalidades africano-brasileiras que influenciam o viver cotidiano dessa territorialidade.

PALAVRAS-CHAVES: Arkhé; Comunalidade; Educação Pluricultural.

Introdução

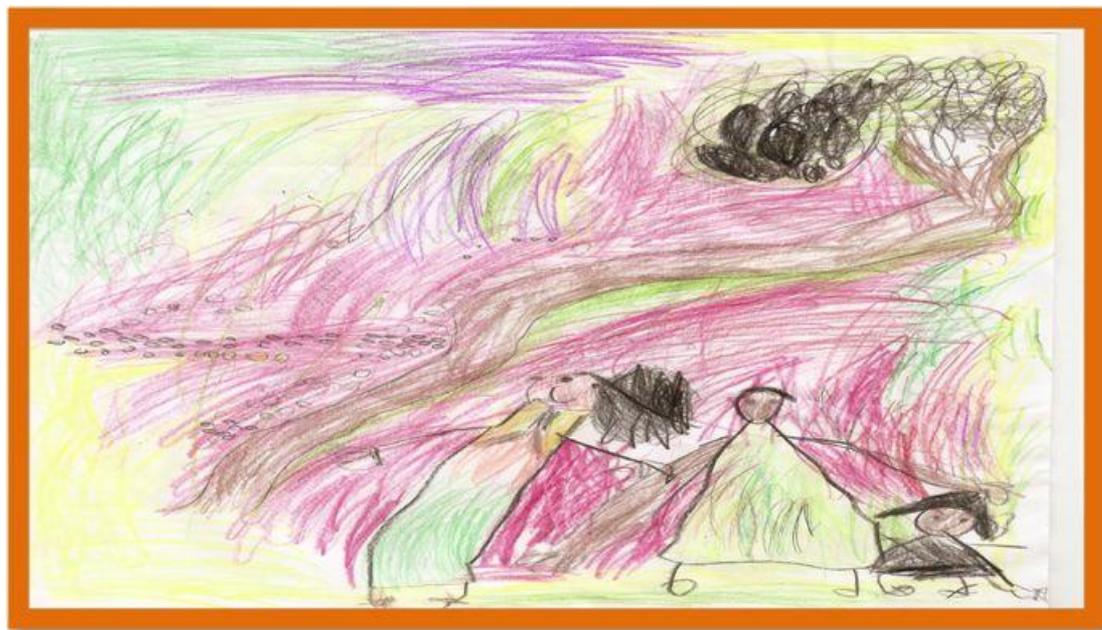


Figura 1: Nicole Accioly

A busca das raízes para além do tempo e do espaço é, antes de mais nada, outra maneira de compreender a relação com o mundo. Isso pede, é claro, que se repense a leitura intelectual capaz de perceber tal fenômeno. Michel Mafesoli (2008, p.98)

Este artigo é o resultado do trabalho monográfico apresentado como conclusão de curso na Universidade do Estado da Bahia em 2009, a análise foi realizada no Centro Municipal de Educação Infantil Vovô Zezinho na territorialidade de Arenoso Salvador, Bahia. Fez-se uma apreciação de como estava imbricado ao currículo da escola práticas pedagógicas utilizando elementos constituidores do patrimônio civilizatório na perspectiva africana e africano-brasileira.

Para realização desta pesquisa no Centro de Educação Vovô Zezinho foi adotada a perspectiva etnográfica e de natureza qualitativa, pois teve-se que lidar com a subjetividade dentro do cotidiano escolar. Entendeu-se, portanto, que a pesquisa etnográfica, revelou aspectos fundamentais, a saber: a vida da criança, no ambiente escolar, suas vivências, valores, crenças, significados e como essas questões identitárias são tratadas em sala de aula.

No SEMENTES, Caderno de Pesquisa publicação do PRODESE foi encontrado no artigo de Mattos (2004) contribuições que serviram como referências para a nossa opção metodológica, como por exemplo:

A etnografia como abordagem de investigação científica traz algumas contribuições para o campo das pesquisas qualitativas que se interessam pelo estudo das desigualdades e exclusões sociais: primeiro, por preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura, isto é, a cultura não é vista como um mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e a ação humana; segundo, por introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica no processo modificador das estruturas sociais. O objeto de pesquisa, agora sujeito, é considerado como agência humana imprescindível no ato de fazer sentido das contradições sociais; e terceiro, por revelar as relações e interações ocorridas no interior da escola, de forma a abrir a "caixa preta" do processo de escolarização. Assim, o sujeito, historicamente fazedor da ação social, contribui para significar o universo pesquisado exigindo uma constante reflexão e reestruturação do processo de questionamento do pesquisador (MATTOS, 2004, pp.66-70).

E mais:

Etnografia é também conhecida como: pesquisa social, observação participante, pesquisa interpretativa, pesquisa analítica, pesquisa hermenêutica. Compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos. Por exemplo: uma vila, uma escola, um hospital, etc.¹

No tocante a forma, foram acolhidos três meios: a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo e a pesquisa documental. A pesquisa bibliográfica alguns autores serão estudados, como por exemplo, Marco Aurélio Luz, Narcimária Correia do Patrocínio Luz, Ana Célia da Silva, Hampatê Bâ, Muniz Sodré, Kabengele Munanga, Janice Nicolin, entre outros.

Para pesquisar e escrever o trabalho monográfico, pode-se observar, no Centro Municipal de Educação Infantil Vovô Zezinho um acolhimento especial as prescrições da Lei 10.639/03 apesar de ter sido alterada pela Lei 11.645/08 é interessante identificar entre os educadores o cuidado em aprofundar aspectos da Lei 10.639/03 no cotidiano escolar. Desta maneira as proposições destacam-se por demonstrar uma experiência revitalizante e apaixonante que nos levam a conhecer a riqueza e beleza da territorialidade do bairro do Arenoso caracterizado pela presença de comunalidades africano-brasileiras e que ainda mantém espécies de plantas, vida silvestre na flora local e da fauna que constituem o restante de Mata Atlântica, apesar de toda destruição do patrimônio natural do bairro.

O CMEI Vovô Zezinho iniciou suas atividades restrito ao trabalho meramente assistencialista ao atender as crianças do bairro, somente, em caráter emergencial e não possuir profissionais qualificados para um atendimento apropriado. Hoje, essa realidade é bem diferente, pois entre as educadoras que ali trabalham 50% são

¹ Id Ibidem.

especialistas, 50% são graduadas e uma Mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado da Bahia. O trabalho é considerado de excelência pela Rede Municipal de Educação de Salvador sendo reconhecido com várias premiações obtidas pelo seu corpo docente demonstrando assim, o comprometimento do grupo em uma educação para a inclusão dos valores civilizatórios africano-brasileiros no currículo da Educação Infantil.

Por essas razões, vem à tona a emoção à partir das reflexões construídas sobre a importância do patrimônio histórico e cultural dos povos africanos. Na proposta curricular do CMEI em que são apresentadas discussões sobre a importância da civilização africana e sua expansão no Brasil, dando aos alunos de Arenoso, descendentes de africanos acesso a perspectivas de conhecimentos que elevam sua autoestima a partir das riquezas das atividades realizadas em toda a escola, em especial no grupo de crianças de três anos, solo da pesquisa.

Destaca-se que Awon Omodé: as Linguagens Africano-brasileiras no Currículo da Educação Infantil apresenta três capítulos. O primeiro capítulo os *Aspectos do Universo Simbólico Africano-Brasileiro em Arenoso* que procura aproximar o leitor dos aspectos sócio históricos da territorialidade do bairro de Arenoso. Nele, foram acolhidas as narrativas inaugurais de Arenoso, a presença das comunidades de origem Ketu, e através do mito de “Odé o caçador” onde se procurou fundamentar a presença africana no local a exemplo do amor pela natureza, dos movimentos de resistência, a exemplo da permanência do nome do bairro para Beiru, dentre outros.

O segundo capítulo trata dos aspectos pertinentes a construção do Centro Municipal de Educação Infantil Vovô Zezinho, onde foi desenvolvida uma análise relatando a história da edificação do bairro que se confunde com a construção da creche. Além da descrição da opção metodológica pelas educadoras e como se deu este processo. Por outro lado, serão tratados os aspectos ideológicos que fundamentaram o distanciamento das linguagens africano-brasileira na escola no Brasil, e para contrapor foram abordadas a importância do Currículo Pluricultural na atualidade, as expressões ética e estéticas que também comportaram a história, Bintou Visita Arenoso, uma adaptação do texto de DIOUF (2004) com uma sugestão metodológica.

Para tanto foi proposta a construção de um livro infantil no corpo da monografia que propõem pensar sob uma nova percepção a riqueza desta herança, assim a partir da obra “As tranças de Bintou de Sylviane A. Diouf (2004)” a personagem fosse visitar Arenoso e em sua experiência, a mesma conhece a presença Ketu que é manifestada por meio da diáspora nas Américas. Esta vivência promoverá a difusão de conhecimentos milenares da presença africana no bairro, seus vínculos de sociabilidade, na troca de conhecimentos vividos pela personagem, no cuidado a natureza, nas estratégias de resistência de preservação ambiental, na importância das narrativas de tradição oral, entre outros aspectos enriquecidos pelas ilustrações.



Figura 2: Rosângela Accioly - Desenho de uma das ilustrações do livro Bintou visita Arenoso criado pela autora disponível no trabalho monográfico/Biblioteca da UNEB, 2009.

No trabalho de Sylviane, surge este fato relevante, Bintou não vive os mesmos conflitos com relação à estética de seus cabelos que as nossas crianças baianas, pois ela era uma criança aceita por sua comunidade. Contudo em nossa realidade a imposição da cultura do branqueamento sob a estética dos cabelos africanos busca desqualificá-los denominando-os de “cabelos de bombil”, “cabelo feio”, “duro”, entre outras expressões pejorativas que buscam recalcar os estudantes descendentes de africanos. Isso é rejeição! É querer colocá-las na camisa de força da estética “branca”!

Desta forma, esta proposição didática pode ser considerada inovadora e surge como estratégia de insurgência contra este currículo positivista e de desdobramentos neo-coloniais colocado para os nossos alunos todos os dias, que nada tem a ver com sua ancestralidade africana e aborígine.

O terceiro e último capítulo foi dedicado a relatar o início das transformações curriculares realizada pelas ações dos educadores que foram motivadas pela não aceitação da exclusão dos valores africano-brasileiro das salas de aula. Contemplando, ainda, as ações pedagógicas em atividades como a presença da musicalidade, a dança, as histórias, enfim todo um repertório africano-brasileiro além de como é trabalhado a projeção das crianças e da história de Arenoso no currículo, por fim a conclusão que trouxe aspectos onde foram evidenciados nosso posicionamento diante da excelência do trabalho e algumas referências que nortearam a reflexão por parte dos educadores do CMEI Vovô Zezinho.

Aspectos do Universo Simbólico Africano-brasileiro em Arenoso

O tema proposto neste trabalho procurou legitimar a *arkhé* da territorialidade africano-brasileira de Arenoso e através dela aproxima-se das linguagens pedagógicas que influenciam o cotidiano curricular da Educação Infantil no grupo de crianças de três anos do CMEI. Segundo LUZ, N. quando nos referimos a *arkhé* da territorialidade africano-brasileira de Arenoso estamos nos referindo aos princípios inaugurais, a origem, o começo das ordenações simbólicas que estabelecem as dinâmicas de sociabilidades do lugar.

ARKHÉ procurando aproximarmo-nos do universo simbólico da civilização africana, compreendendo-a neste contexto, como “os princípios inaugurais que exprimem sentido e força, direção e presença à linguagem. A noção de arkhé agrega uma unidade indiscernível, o sentido de princípio-começo-origem, e o princípio-poder-comando [...]. Não se limita a algo aferido a antiguidade e/ou anterioridade. Na tradição africana, ela representa o princípio inaugural, constitutivo recriador de toda experiência. Assim é insuficiente referir-se a arkhé como volta nostálgica a um passado, ela abrange também o significado de futuro, na medida que se estende como o vazio que se subtrai às tentativas puramente racionais de apreensão(LUZ, N., 2003, p.75).

Para tanto buscou-se trazer, neste contexto, a importância de entender as origens e noções de onde se fundam toda uma constituição civilizatória que se distinguem mutuamente das outras. Assim, após exaustivas leituras compôs-se várias análises que revelaram, em Arenoso, a riqueza de símbolos dessa territorialidade, a começar pela importância da mata como símbolo da *arkhé* de Arenoso, essa composição foi inspirada no mito de “Odé o caçador” que traz a mata espessa como símbolo o universo mítico simbólico de *Oxóssi*. Assim o culto oferecido a *Oxóssi* está amparado na visão de mundo africana trazida para o Brasil pelos nossos ancestrais que segundo declaração afirma:

Inclusive foi no *Opô Afonjá* que ouvimos de uma das sacerdotisas da casa a narração do conto que guarda o aspecto inaugural de transmissão do *axé* de *Oxóssi* para o primeiro ancestral, *Wussi*, caçador que com uma flecha abateu um pássaro gigantesco que ameaçava de extinção o reino de *Ijexá*. Depois do feito, o povo agradecido gritava: *Oxó Wussi*. *Oxó* quer dizer “popular”, *Wussi* é a representação da *arkhé* caçador que plantou o culto de *Oxóssi*, representa a referência simbólica do mito caçador por excelência, *Odé*. (NICOLIN, 2007, p.38).

Desse modo, serão tratadas a seguir as contribuições que relatam um pouco da mata existente no local, pois dentro da perspectiva *Nagô Oxóssi* é um guerreiro, caçador, e dono das matas. Assim, pode-se perceber a partir dessas riquezas, a possibilidade de se extrair os aspectos a serem trabalhados em sala de aula com as crianças, aproximando-as deste rico universo.

Ao acompanhar o desenvolvimento do projeto “Água para Todos e Todos pela Água”, desenvolvido com crianças de três anos, uma das propostas pedagógicas no ano letivo de 2008 que trouxe o elemento água de maneira

significativa nas perspectivas indígenas, européia e africana. Assim, falou-se do legado africano partindo da territorialidade baiana, a partir daí, foram desenvolvidos trabalhos que trazem a água para falar da maneira como, cada povo compreende culturalmente, este elemento, sendo utilizados diversos recursos.

O projeto “Água para todos, Todos pela Água” compôs acerca dos aspectos mitológicos constitutivos da herança africana partindo do que seja a importância da água nesta perspectiva compondo os aspectos simbólicos de Yemanjá. Nessa perspectiva é importante enfatizar o princípio cósmico de Yemanjá que caracteriza a sociabilidade das comunalidades baianas:

YEMANJÁ é orixá patrona das águas do rio e no Brasil, também das águas do mar, seu nome, Iye-omo-eja, significa mãe dos filhos peixes. Originária de Nupe, ela é considerada, em algumas histórias antigas, a mulher de Oraniyan e mãe de Xangô. Princípio genitor feminino, suas sacerdotisas paramentadas usam uma coroa, com franjas de contas caídas sobre o rosto, denotando nobreza e alta hierarquia. Suas cores são o azul celeste e verde água, representações diluídas do branco, poder genitor, e do preto, interioridade e direção. Dentre seus emblemas, destacam-se o abebe feito de metal branco, e uma pequena espada. O abebe, que caracteriza o poder do ventre fecundado, associado aos gestos de suas danças que imitam as vagas do mar, simboliza o útero que contém filhos. Filhos-peixes contidos no bojo das ondas. Com a espada, ela abre caminhos, tece o destino e expande seus filhos para todas as direções. No Brasil, é considerada a patrona dos pescadores e seu culto é bastante popular (LUZ, N., 2000, pp.67-68).

Torna-se relevante destacar que todo o trabalho buscou evocar os elementos constituidores do patrimônio civilizatório africano-brasileiro trazendo toda a diversidade, beleza e significado para o contexto pedagógico destes alunos descendentes de africanos na Bahia.

A Mata é símbolo de vida!²

Vocês sabem que Oxóssi é o grande caçador e também é irmão de Ogum? E que foi Ogum que o iniciou na arte da caça?

Pois é, a sabedoria mítica do povo africano é uma das mais antigas da humanidade que nos conta esta linda história. Oxóssi é o caçador e Ogum o grande guerreiro e conhecedor dos segredos da floresta. São orixás de um dos cultos religiosos mais antigos de toda história da humanidade. Importante é ressaltar que “nas comunalidades nagô Oxóssi é um Odé, um grande conhecedor dos espíritos da mata e zelador da mata virgem é o orixá “patrono da caça e do caçador, dos batedores fundadores de territórios, conhecedores da floresta”, assegura LUZ (1995 *apud* NICOLIN, 2007, p.29).

² Adaptado do livro Mitologia dos Orixás de Reginaldo Prandi (2001).

Narra à história que um dia, Ogum havia retornado da guerra e encontrou seu irmão vencido pelos inimigos de sua aldeia, mas achou forças e venceu seus opositores pelo amor que tinha pelo seu irmão. A partir daí percebeu a necessidade de torná-lo um caçador forte e destemido, e assim o fez.

Na visão africana a mata é um lugar de grande aprendizagem e respeito para o caçador. Não é um espaço de consumo apenas, mas um ambiente de provisão. Esta sabedoria milenar advém do povo africano que vê na nobre arte da caça a continuidade de sua existência. Em Arenoso, território que vive em seu cotidiano, o conhecimento e valores dos povos africanos, encontra-se um espaço que pulsa muita vida, pois nas suas matas existiam os quilombos. Nesses matagais os/as filhos da África encontravam abrigo na Mata Atlântica que ali existia em grande quantidade.

A concepção de quilombos que resgatamos aqui, está visceralmente referido a Rainha Nzinga, a Rainha Ginga ou Rainha Invisível como destaca os relatórios portugueses. Nzinga é um marco de força e resistência para os descendentes de africanos nas Américas e especialmente no Brasil. As incursões portuguesas em Angola no fim do século XVI e início do XVII sofreram derrotas significativas face as estratégias extraordinárias de guerrilhas organizadas por Nzinga a Mãe Negra [...] Os “quilombos”, são considerados territórios paralelos-alternativo ao Estado oficial, onde são implantadas as formas históricas de sociabilidade, alimentando o viver cotidiano, conservando um sentido profundo de comunalidade, ancestralidade e continuidade existencial africana. (LUZ, N., 2001, p.24)

Arenoso é um desdobramento contemporâneo de Palmares já que reelabora formas de luta e resistência a esta política genocida neocolonial que procura destituir os valores civilizatórios africano-brasileiro.

Ao longo desses séculos, adaptando e reestruturando novas estratégias de insurgência que incorporam o espaço urbano-industrial. Tudo em função de dar continuidade e afirmar os valores do patrimônio africano nas Américas, através de várias ações que dêem prosseguimento a luta pelo existir. Não é Palmares militarmente organizado, mas aquele que se caracteriza por empreender, através de instituições que se desdobram da tradição africana, formas e valores alternativos ao Estado oficial capazes de promover a coesão social (LUZ, N., 2001, p. 25).

Arenoso, quilombo contemporâneo! Isso soa com muita propriedade, pois identificam àqueles/as que moram nesse bairro, como descendentes dos quilombos e, nessa territorialidade do nosso estudo predominam os valores étnicos do povo Ketu que há muito dá continuidade ao patrimônio mítico e simbólico da natureza, estabelecendo modos de convivência baseados em valores éticos e estéticos milenares.

Pedagogia do embranquecimento obstáculos: obstáculos ideológicos ao direito à alteridade africano-brasileira

É interessante destacar, no âmbito das reflexões propostas sobre Educação a existência de uma ideologia do embranquecimento, no Brasil. Essa ideologia, de acordo com os estudos de Luz, M., (1995 apud Luz, N., 2001, p. 25) foram sustentadas pelas teorias pseudocientíficas do século XIX cujas pretensões visavam o desaparecimento gradual da população africano-brasileira quer por políticas genocidas e de abandono ou por meio da miscigenação.

O evolucionismo foi uma ideologia que alicerçou as políticas de Educação no Brasil se fortaleceu pelas noções normativas do cientificismo que defendiam a superioridade “racial branca” nas bases do evolucionismo, mas não foi possível sustentar por tanto tempo estes conceitos, uma vez que na atualidade é reconhecida a origem da vida em solo africano. Sendo assim caiu por terra, toda idéia de superioridade racial e civilizatória européia tendo como princípio os Greco-romanos como a mais antiga civilização humana, pois tudo se iniciou na África que Marais (apud LUZ, M., 2002, p. 84) adverte, explicitando “[...] porque a origem da humanidade, do *homo sapiens* tal como somos, está na própria África.”

A política e ideologia do embranquecimento sustentavam a necessidade da nova ordem econômica capitalista que se impunha a todos os países coloniais de ter mão de obra “livre”. Neste período surge, em razão das novas exigências do mercado os valores éticos e estéticos de referência capitalista industrial para o cotidiano baiano (LUZ, N. 2001, p. 27). Principalmente, no que diz respeito às ideologias advindas do capitalismo industrial que exigia agora um novo perfil de trabalhadores para o mercado de trabalho.

É sobre essa dimensão histórica que o mercantilismo escravista ceifou milhares de vida dos povos africanos e seus descendentes e, também, sobre a importância dos modos de insurgência dos africano-brasileiros às políticas de embranquecimento, que se deseja afirmar como de fundamental presença no currículo escolar. As políticas de embranquecimento contemporaneamente se atualizam e continuam a acorrentar a população majoritariamente negra nas favelas retirando seus direitos à educação, moradia, saúde, ou seja, já não é mais o africano escravizado, mas os seus descendentes que continuam excluídos neste sistema sócio-econômico impedindo-os de exercer seu direito à alteridade civilizatória na Bahia e no Brasil, conforme análise de LUZ M.(2007), abaixo explicitada:

A teoria dos três estágios da sociologia positivista qualifica e desqualifica linguagens e valores de civilizações diferentes num arcabouço ideológico evolucionista e europocêntrico. Supostamente ela anuncia a chegada da humanidade ou, da sociedade humana, a etapa positivista isto é, o Estado deverá reger as relações sociais baseado nos cânones da ciência da sociologia. As demais etapas, ultrapassadas e combatidas são a metafísica, baseada na predominância do discurso filosófico e, a religiosa baseada na linguagem do mito. Nesse contexto teórico-ideológico, a rejeição possui inúmeros aspectos, é o terreno onde se constrói o apartheid ideológico, onde derivam os preconceitos e os estereótipos. No

sistema oficial de ensino, o eixo central da rejeição é o lugar de rainha do currículo escolar a ser ocupado pela ideologia de onipotência de conhecimento que envolve a ciência e a pura abstração, e ainda, conseqüentemente a crítica, a condenação e o combate incessante aos discursos míticos e filosóficos. Acrescenta-se ainda que por sua vez o discurso científico cada vez mais visa atender as demandas da tecnologia e essa, por sua vez as demandas do produtivismo industrial, de estimulação militarista, fator de acumulação incessante do capital financeiro, uma ordem de valores bem distinta das elaborações sobre o mistério do existir constituinte dos demais discursos, especificamente em outros contextos culturais (LUZ, M., 2007, p.21).

Assim, essas teorias que defendiam o “arcabouço ideológico evolucionista”, trouxeram concepções que fizeram com que em séculos de escolarização, a cultura e história negra africano-brasileira fossem vista na escola de maneira estereotipada ou excluída do processo pedagógico conforme afirma Silva, a seguir:

Os currículos, programas, materiais e rituais pedagógicos privilegiam os valores europeus em detrimento dos valores de outros grupos étnico-raciais presentes na sociedade. Os valores desses grupos são, na maioria das vezes, ocultados ou apresentados de uma forma tal que não coloquem em conflito os valores dominantes. Em conseqüência as populações excluídas, podem vir a privilegiar os valores da história e cultura oficial como os únicos a serem considerados, renegando os seus próprios valores, se o processo pedagógico, o cotidiano e a sua cultura, não favorecer-lhes oportunidades de reflexão e reelaboração (SILVA, 2001, p.16).

Além de tudo, os movimentos negros e as comunicações africano-brasileira não se calaram ao longo da história, pelo contrário personalidades como a Sacerdotisa Mãe Aninha, Iyá Oba Biyi, do Ilê Axé Opô Afonjá comunidade-terreiro localizada na territorialidade do Cabula fronteira com Arenoso (territorialidade deste estudo), se opuseram a todo tipo de exclusão ao continuo civilizatório dos povos africanos que vieram para a Bahia. A Iyá Oba Biyi afirmava “A Bahia é uma Roma Negra”. Sobre a Mini Comunidade Oba Biyi um espaço de educação criado em homenagem a Mãe Aninha nos anos 70, Marco Aurélio Luz comentou em entrevista:

Para atender as expectativas das crianças e jovens integrantes de uma comunidade de tradições culturais afro-brasileira, e que se sentiam rejeitadas pelas escolas do sistema oficial de ensino, constituiu-se um novo “continente pedagógico” que iria caracterizar o projeto educacional Mini Comunidade Oba Biyi. O caminho indicado na primeira metade do século passado por Mãe Aninha Iyalorixá Oba Biyi, de ver as crianças da comunidade no dia de amanhã “de anel no dedo e aos pés de Xango” inspirou a trajetória de nascimento de uma nova linguagem educacional. Fundou-se um espaço pedagógico assentado na recriação das linguagens e nos valores da comunidade. Da tradição nasceu o novo; gerado na criação um novo currículo, uma nova forma de aprendizagem. Uma revolução à lá Copérnico, uma inversão, o sol e não a Terra está no centro do universo. A cultura que guarda o saber da tradição comunitária passa a ocupar o centro da experiência educacional. Todavia, é uma revolução a passos de pombo como diria Nietzsche (LUZ, M., 2007, p.128).

Atitudes como esta consolidam o patrimônio histórico de insurgências, em que prossegue a sabedoria, a negociação, o prestígio imperando assim a recusa à política etnocêntrica.

Atualmente, os movimentos políticos de inserção dos valores civilizatório africano-brasileiro ganharam força nas esferas educacionais sociais e políticas deixando de ser somente um desejo dos movimentos atuantes, mas uma realidade no contexto da legislação brasileira com as leis 10.639/03 e posteriormente a 11.645/08 assim comenta LUZ. N. (2008).

A efervescência do debate sobre a Lei 10.639/03 que entrou em vigor em 09 de janeiro de 2003, que inclui no currículo da Educação Básica o estudo da História da África e Cultura Afro-Brasileira, e sua implementação no currículo oficial das escolas brasileiras, é o foco da nossa análise, principalmente depois de constatarmos muita ansiedade entre os professores/as, sob a pressão de ter que contribuir no processo de implantação do ensino de História da África e História e Cultura Afro-Brasileira nas suas escolas. Deste modo Levando em consideração as questões muitas vezes dispersas e equivocadas que vêm afligindo professores (as), e àquelas que habitam o imaginário de crianças, adolescentes e jovens que deverão vivenciar a Lei, aqui é importante esclarecer que o processo de sua implantação não está ocorrendo em águas tranqüilas. A Lei 10.639/03 é o resultado do esforço envolvendo as comunalidades africano-brasileiras que durante muito tempo realizaram, instituíram iniciativas em Educação que afirmassem e legitimassem seu patrimônio civilizatório: a África e sua (re) criação nas Américas (LUZ, N., 2007, p. 14).³

Assim, estas contribuições dão apoio a toda uma reflexão no sentido de compreendermos historicamente a importância desta conquista para as comunalidades africano-brasileira e para os movimentos negros acerca da luta pela institucionalização da legislação sobre a inclusão da história e cultura africano-brasileira e indígena que pretende modificar todo um panorama no currículo das escolas no contexto da contemporaneidade.

Beiru: Aspectos Históricos da Territorialidade do bairro de Arenoso envolvendo a construção da creche Vovô Zezinho.

O bairro do Beiru surge a partir da arkhé territorial africana dos quilombos que originaram estas terras, e posteriormente se desmembra e ganha o nome de Arenoso dados coletados pelo Jornal do Beiru, 2002. Desse modo, a força da territorialidade africana está no local, de tal modo, em todo o Cabula, pois por detrás de todo este referencial estão ancoradas, as histórias de vidas dos descendentes de africanos. Desta maneira é estabelecido um vínculo com as comunalidades, de modo a estruturar todo um universo das linguagens africano-brasileira, na maneira

³ LUZ, N. África Viva e transcendente in Programa Salto para o Futuro, 2007.
Revista África e Africanidades - Ano 3 - n. 9, maio, 2010 - ISSN 1983-2354
www.africaeafricanidades.com.br

de viver de sua população que não pode ficar de fora do currículo da escola, pois para Siqueira:

Existe uma continuidade sócio-político-cultural africana no Brasil, que se inicia com a chegada de um grande contingente de povos originários de distintos povos do continente africano, trazendo consigo conteúdos filosóficos, simbólico, constituinte de um sistema social que tem origem nas civilizações tradicionais africanas. Estes conteúdos influenciam e, em certa medida, determinam valores, modos de vida formas de consciência, modelos de organização sócio-econômica, político e cultural no Brasil contemporâneo, através de diferentes processos de reelaboração que acompanham a dinâmica das sociedades (SIQUEIRA, 2006, p.30).

Segundo o Jornal do Beiru (2002), Beiru é a antiga designação do Bairro de Tancredo Neves. Está situado entre a Engomadeira, Sussuarana, Narandiba e a Avenida Paralela sendo que nestas terras fazia parte o atual Arenoso. O nome Beiru, de origem Iorubá, refere-se ao escravo africano Gbeiru (1820) que foi comprado por um membro da família dos Garcia D'Ávila e trazido para a fazenda Campo Seco, onde residiu no século XIX, contudo acerca da presença de Gbeiru não existe registros oficiais, e sim dados obtidos a partir de relatos orais. Tais terras foram, posteriormente, doadas pelos seus a fazenda Campo Seco em que morou recebeu o seu nome como lembrança a sua conduta de resistência homenagem feita por aqueles que o conheceram e amaram⁴.

A partir da arqueologia histórica do bairro do Beiru foi verificada nesta territorialidade a história de "Preto Beiru" como foi conhecido, o formador do quilombo na região. Anos mais Miguel Arcanjo fundou um terreiro de Candomblé na Fazenda Beiru nascendo em 1912 a Nação de Amburaxó que em seus princípios fundadores mantiveram toda uma arkhé permeada pelas tradições africanas, além da força e luta política social de "Preto Beiru".⁵

Hoje, ainda segundo O Jornal do Beiru, a antiga fazenda "já tem um desmembramento muito famoso, que é o Arenoso", infelizmente ações do Estado que desapropriaram os herdeiros de Gbeiru fizeram com que a riqueza do continuum civilizatório africano do local fosse alterada pela estrutura econômica imposta pelo neocapitalismo. Por esta razão, toda a identidade cultural do bairro foi modificada como o Terreiro de Miguel Arcanjo, em que foram retiradas as árvores sagradas dos cultos amburaxós, para a construção de um posto médico no local.

É importante que esta presença milenar esteja no cotidiano da creche, pois na verdade, a escola brasileira durante toda a sua formação foi constituída a partir das influências do colonialismo que estava centrado na visão europocêntrica de mundo e em seguida euro-americana, em que somente os valores culturais e científicos destas concepções de mundo eram vistos como verdade no ambiente escolar, que segundo LUZ, N. (2000, p.66) "É que a linguagem pedagógica que lastreia a escola está assentada em valores que constituem a cosmovisão etnocêntrica que procura arrefecer a firmação do patrimônio simbólico africano-brasileiro".

⁴ Tribuna da Bahia 30/05/85.

⁵ Jornal do Beiru em novembro de 2002.

Assim, não se pode aceitar que se calem os valores civilizatórios e milenares da cultura africana no Brasil e suas contribuições na formação do povo brasileiro diante da importância de suas contribuições e dos avanços conquistados pelos movimentos de resistência.

Através destes dados podemos retratar a população predominante no bairro do Arenoso que é afro-brasileira e essa territorialidade detém instituições da tradição de matriz africana importantes de origem Ketu, como foi demonstrado no censo realizado no período de 2006-2008 pelo CEAO - Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia. Na tabela a seguir ilustramos com alguns dados essa característica da presença Ketu em Arenoso: Segundo SANTOS, J. T. em Os Candomblés no século XXI, a maioria dos terreiros de candomblé se auto-identifica como pertencente à nação ketu (57,8%)⁶.

Tabela 1: MAPEAMENTO DOS TERREIROS DE SALVADOR

NOMES DOS TERREIROS	NAÇÃO	BAIRRO	FUNDAÇÃO
Ilê Axé Logum Edé	Ijexá Ketu	Arenoso	1975
Ilê Aiê Deleomim	Ketu	Arenoso	1965
Ilê Axé Omim Togum	Ketu	Arenoso	1977
Ilê Axé Eugi Loia Omim	Ketu	Arenoso	1979
Ilê Axé Orumilar	Ketu	Arenoso	1986
Terreiro Luandéí	Ketu	Arenoso	1989
Oya Filha de Roxinoré Filha de Terreiro Santa Cruz	Ketu	Arenoso	1997
Ilê Axé Lofan Demin	Ketu	Arenoso	2002
Ilê Axé Jezubum Santa Cruz	Ketu	Arenoso	1940

Fonte: SANTOS (2008, p.71).

⁶ A Tarde, Salvador, p.7 – 7, 09 maio 2007.

Outros dados importantes sobre as hierarquias e lideranças dessas instituições tradicionais são ilustrados, no quadro a seguir:

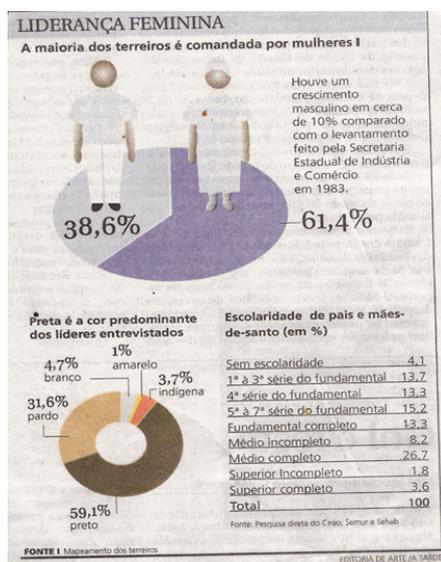


Figura 3: Hierarquias e Lideranças dos Terreiros de Salvador
Fonte: Mapeamento dos Terreiros de Salvador coordenado por Santos, 2008 CEAO UFBA.

Por outro lado, a origem da construção da creche Vovô Zezinho se confunde com a formação do bairro Arenoso que data de 1989, local que já existia anteriormente e que era chamado pelos moradores por este nome, em razão de haver este material no terreno de maneira abundante. “A invasão do Stiep” constituída pela “União Paraíso” e “Cai duro” formaram, o bairro que hoje é conhecido por Arenoso. Estratégia política utilizada pela Prefeitura da época para fazer a retirada dessas populações colocando-as em “guetos”, segundo este modelo capitalista, ou seja, bairros longe dos centros urbanizados como forma reproduzir nas “áreas nobres” a representação das “sociedades de consumo”.

Interessante notar a ideologia da sociedade de consumo presente nesta ação que ocorre de maneira crescente na cidade do Salvador, que segundo (LUZ, 2000, p.19) visa, o aumento de um percentual de produção e consumo dos bens industrializados fazendo desta área urbanizada modelo de *status*. Por esta razão, os moradores das “invasões” no Stiep foram expulsos e alocados no bairro do Beiru.

Cabe aqui destacar a declaração da moradora que residente no bairro há mais de 20 anos, e também avó de um dos alunos do CMEI Vovô Zezinho revelando aspectos acerca da força nesta territorialidade nas formas de convivência no bairro antes do projeto de urbanização e como existiam os vínculos de sociabilidade no dia-a-dia ALVES (2009)⁷.

Ah finado Caxangá, fazia Festa de Reis, São João, Caruru de São Cosme e Damião, samba de roda, capoeira... Minha mãe me

⁷ Carta de autorização dos Entrevistados para o uso das suas entrevistas nesta Pesquisa Acadêmica disponível na UNEB.

ensinava a respeitar aos mais velhos, tomar conta dos trabalhos de casa. Eu tinha cinco irmãos e eu fui quem criei, minha mãe ia trabalhar eu tomava a benção. Minha mãe fervia roupa na lata para nos dar comida. Ela também sabia fazer muitas receitas de chá para curar algumas doenças, sabugueiro, Maria Preta, Capim Santo, Erva Cidreira, Melissa.⁸

E mais:

Sr. Salvador, finado Caxangá que era dono do sítio que era tudo isso aqui e D. Angelina. Era Mata atlântica tudo isso aqui, só roça, rio, cachoeira, o povo tomava banho de rio, pescava camarão, tinha fonte, plantações, banana, mangaba, goiaba e jaca. Tinha muito arenoso, nesta área, as caçambas vinham retirar para construção, não tinha água, luz, tínhamos que buscar água na fonte da finada Vina para lavar e cozinhar, de madrugada a gente pegava água na cisterna e não tinha essa estrada que hoje leva ao Cabula, o local tinha um acesso difícil. Ah! a gente pegava água no vizinho Manoel não tinha luz, a vida comunitária era melhor, mais amizade, o povo era mais unido, os vizinhos olhavam os filhos uns dos outros, passávamos receitas das folhas uns aos outros, para um dor. Qualquer coisa. Agora tudo é remédio.⁹

Em razão dos políticos da época fazerem a retirada dos moradores dessas ditas “invasões” para implantarem aquilo que M. A. LUZ afirma “como a reprodução dos valores e as linguagens características do controle social e dos comportamentos sociais nestes modos de produção e organização” (LUZ, M., 2000, p.19). Acontecimento este que viabilizam os mecanismos que são fortemente utilizados pelos tecnocratas, nos desalojamento de famílias carentes, por meio da ideologia do embranquecimento para consagrar os valores eurocêntricos em detrimento da nossa população descendente de africanos e aborígenes instituindo a lógica capitalista de consumo e status.

Por esta razão, no que tange ao ocorrido, a creche Vovô Zezinho recebeu o nome do pai do Prefeito Fernando José, porém esta homenagem não partiu da comunidade, e sim, um nome que representava os interesses do poder. Outro episódio relevante é que a fundação da Creche se sucedeu, em meio à formação do bairro trazendo aos moradores uma falsa ilusão que segundo o Jornal A tarde: “festa neste final de semana, com a inauguração de creche, escola e posto médico pelo prefeito Fernando José, a partir das 16h00min de domingo dia 16/04/89 e mutirão para ampliar 40 casas-embriões e domingo” (A TARDE, domingo 16/04/89) “Vovô Zezinho referencia”.

Porém, o que ocorreu ao longo da história do bairro é mais um caso que legitima a desigualdade e que favorece o abandono e descaso com as populações que neste evento deixaram as “invasões”. Pois, a maioria dos alunos vivem, ainda hoje, em um local que leva o nome de Sovaco das Cobras, sem infra-estrutura, sem área de lazer, não existe saneamento básico, e a violência é devastadora. Segundo denuncia, a reportagem de Adilson Fônseca, A Tarde *on line*, por meio da fala da entrevistada NEVES em 5 de agosto de 2008-14:51.

⁸ Alves - Entrevista realizada dia 28/01/09.

⁹ Neves - Entrevista realizada dia 28/01/09.

A perseguição no Arenoso deixa população tensa. Sou moradora de um bairro próximo e realmente acordei com o barulho dos helicópteros fiquei muito assustada, pois o bairro está muito violento, os moradores já não podem mais sair da sua residência, pois ficam com muito medo (Jornal A Tarde, 2008).

Enfim, o discurso de melhoria de vida feita por ocasião da transferência destes moradores, não ocorreu. O que de fato aconteceu foi o crescimento do bairro, de forma desorganizada, simplesmente para satisfazer, a demanda da construção civil, que naquele período tinha veemência em desalojar os moradores da região do Stiep para fazer daquele local uma “área nobre” recebendo posteriormente lucro no mercado imobiliário.

O funcionamento da creche Vovô Zezinho em uma perspectiva oficial no primeiro momento em 1989, existia em andamento uma composição básica, pois era um imóvel antigo adaptado para ser uma escola, porém ao longo do tempo, vários pedidos foram feitos para a prefeitura, na tentativa de melhorar o espaço físico, só conseguido em 2007, pela atual gestão.

O atendimento oferecido aos alunos é composto de assistência médica odontológica e psicológica em parceria com o Programa Mais Saúde, as crianças recebem fardamento, cestas básicas nas férias como apoio a permanência delas no Programa. Durante o período de aulas também recebem alimentação que se compõem de três refeições diárias e lanches na manhã e à tarde.

Em princípio, o trabalho desenvolvido pela creche estava pautado em uma visão assistencialista conforme relatos da antiga vice-diretora Marta Alencar

[...] política de assistencialismo e de controle das crianças, coesão, desvalorização do currículo e das mulheres que lá trabalhavam. As auxiliares eram profissionais da LIMPURB (Empresa de Limpeza Urbana do Salvador) que não podiam mais trabalhar por alguma razão e eram remanejadas para as creches, não tinha diretoria na época. Há muito tempo, era o antigo IAC que hoje é o mais Social, Movimento de Ação e Integração Social¹⁰.

Porém, em contato com a senhora Marta Alencar que citava sempre reflexões acerca das relações étnico-raciais que envolviam o contexto escolar esta realidade foi mudando suscitando auto-identificação étnica por parte dos educadores que segundo ela “Contribuir para as profissionais pensassem em sua própria identidade e depois em sua prática”¹¹, assim como, uma percepção de que o bairro era um local histórico composto por descendente de quilombos. Estes temas foram permeando as conversas das professoras e diretora da época, a partir daí surge o trabalho voltado para as questões inclusivas dos aspectos éticos e estéticos africano-brasileiro.

Por esta razão, essas circunstâncias de exclusão sofrida pelos alunos no cotidiano da creche fizeram com que se iniciasse um trabalho permeando o universo

¹⁰ Entrevista realizada com Sra Marta Alencar, em 22/01/09 disponível na UNEB.

¹¹ Ibidem.

das linguagens africano-brasileira após vários debates e capacitações por parte dos professores e gestores da época. Esta prática não deixa de ser surpreendente, uma vez que a creche se abre para o diálogo, em meio a toda uma realidade excludente, que para Almeida, “em razão da carga de recalque ideológico presente nas estâncias da sociedade oficial” (ALMEIDA, 2004, p.151) que, deste modo, se repercute na maneira da sociedade perceber os valores do continuum civilizatório dos povos africanos, por meio dos saberes institucionalizados, tendo em vista as angústias das crianças negras, que não se percebiam nas práticas escolares.

Esta situação ocasionou toda uma discussão que culminou por modificar a realidade no espaço escolar do CMEI Centro de Educação Infantil Vovô Zezinho, provocando transformações nas proposições do Projeto Político Pedagógico da creche e culminando no seu pioneirismo, em fazer um trabalho, a partir das linguagens africano-brasileira no currículo do Centro Municipal de Educação Infantil, sendo posteriormente, “reconhecida como centro de referência pedagógica e de assistência social, a escola é vencedora de vários prêmios, entre eles a 1ª colocação, em 2006, no Projeto GRIÔ: Contador de Histórias, no Prêmio Nacional do CEERT, em São Paulo, voltado para a história e cultura afro-brasileira”¹².

Assim, a partir da intervenção feita pela comunidade escolar liderada por Marta Alencar, Rita de Cássia e Cristiane Gifone que buscavam uma escola plural, com uma prática educativa que abordasse a ética da coexistência, com atitudes como: o respeito à alteridade e a afirmação da identidade, por meio dos valores herdados pela presença africana. Esses fatos contribuíram para a estruturação pedagógica que foi sendo modificada, trazendo para o ambiente escolar, as expressões dos valores e das linguagens civilizatórias tradicionais africanas, no espaço histórico social que é a escola, sendo destacado o reconhecimento do seu trabalho pelo CEERT, Centro de Estudos das Relações de Trabalho, e outros parceiros, para fazer parte das reflexões do livro em razão do seu pioneirismo como afirma:

A inclusão da história da cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar da Escola Creche Vovô Zezinho levou a instituição a ser escolhida, entre várias escolas do país, para fazer parte do livro “Igualdades das Relações Étnico-raciais na Escola”, publicado pela Ação Educativa, Centro de Estudos Afro-orientais –CEAFRO e Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, em parceria com o Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil – MIEIBI e do Núcleo de Relações Étnico-raciais e de Gênero da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (*Id Ibid*).

Nesta perspectiva, em se tratando dos temas pertinentes ao universo mítico africano, artes plásticas, com rodas de contos, dramatizações, tipos de danças africano-brasileira, capoeira, música percussiva, repertório culinário, passeios, eventos culturais, pesquisas que envolvem a temática da cultura africano-brasileira, a escola passou a ampliar sua dinâmica sociocultural no currículo.

Além do fomento as mesmas práticas, nos cursos de formação continuada para professores da Rede Municipal e intercâmbio com outras instituições como o

¹² Disponível

em <http://www.maissocial.salvador.ba.gov.br/index.php?option=com_content&task=40>.

Malê de Balê, ou com projetos de contação de histórias feita por um Griot Senegalês, Doudou Rose Thioune, projeto este em parceria com a prefeitura de Salvador, que busca oportunizar de forma lúdica e diferenciada, a cultura africana senegalesa para as creches e escolas da rede na Educação infantil.

O Projeto **KALAMA - Um Griô Africano Visitando Nossa Escola** é de autoria de **Doudou Rose Thioune** que em 2008 iniciou uma parceria com a Prefeitura Municipal do Salvador, oportunizando a contação de Histórias e estórias através de diversas linguagens lúdicas de arte educação nas escolas de ensino básico da Rede Municipal, atendendo crianças á partir dos 6 anos de idade.

Doudou descende de duas famílias tradicionais - nobres e griôs. Artista senegalês, nascido em Dakar, afilhado de Doudou N' Rose é filho de Cathy Sene a dançarina nomeada por Léopold Sedar Senghor como primma donna imortal da dança senegalesa e filho de Mame Less Thioune percussionista consagrado no Senegal. Toca 25 instrumentos dentre corda e percussão, cantor, coreógrafo, ator, cria canções, melodias e ritmos, professor é regente - contando suas estórias e histórias em diversas linguagens artísticas. Por conta disto aos 13 anos ganhou a medalha de ouro africana como um griô completo.

Kalama, o nome de sua ação cultural no Brasil, tem em uma de suas faces intervenções educativas interagindo em diversos momentos da vida sócio-cultural baiana como seus Master Class na Escola de Música da UFBA em 2005 e 2006, aulas em Escolas como a Pracatum, Ile Aiye e Olodum, dentre outros, mas só após ter ido morar na comunidade Afonjá e realizar uma apresentação na atividade de encerramento do ciclo de oficinas Aragbobo em 2008 efetivou o apoio do Ilê Axê Opô Afonjá na pessoa de Mãe Stella que endossou sua proposta.

Na Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Secult gerida pelo Secretário Carlos Ribeiro Soares, com o apoio de Sara Rocha Almeida, Manoel Vicente da Silva Calazans, Eva Patrícia Guimarães Borges e o corpo gestor da Escola Eugênia Anna dos Santos, enfim Doudou consegue levar tanto a educandos quanto aos educadores a atuação de um Griô na vida educativa da comunidade soteropolitana visitando cotidianamente diversas escolas públicas da cidade. Suas aulas pretendem em poucas horas transpor a realidade senegalesa imemorial e moderna para crianças que tendem a buscá-la no seu cotidiano com um olhar de alegria e orgulho.

Dentro da rede o trabalho foi desenvolvido buscando legitimar a presença africana no currículo trazendo para o centro do processo de aprendizagem a criança negra remanescente dos quilombos que ali vivem. Diferentemente dos trabalhos e histórias vivenciadas em outros espaços que trazem contos e vivências que permeiam o universo euro-americano como: A Bela adormecida, Branca de Neve, Rapunzel, entre outros. Deste modo, este espaço sócio educativo buscou trazer contos, conteúdos e proposições que incluísse a cultura e identidade da criança de Arenoso.

Considerações Finais

Awon Omodé: as linguagens africano-brasileiras no Currículo da Educação Infantil prima por entender como se dá a aproximação do currículo com os valores e linguagens das comunalidades na territorialidade de Arenoso. Dentre o que foi observado no percurso da pesquisa, pode-se perceber uma prática educativa riquíssima que busca acolher este patrimônio cultural na diversidade de seu repertório durante o ano letivo de 2008.

Por meio dessa extraordinária iniciativa, o CMEI Vovô Zezinho, encoraja as demais escolas do bairro e da capital Baiana, de modo geral, a suscitar ações que provoquem reflexões a partir de sua prática educativa, pois retira do centro curricular uma prática pedagógica racista e etnocêntrica denunciando o recalque e, sobretudo apresentam as linguagens ético e estética, na perspectiva africano-brasileira.

Um dos nossos objetivos em realizar este trabalho é o de encorajar as novas gerações de educadores/as assim como aqueles que há muito exercem esta profissão no sentido de aprofundar seus conhecimentos sobre as perspectivas de linguagens africano-brasileira adotada no cotidiano curricular da Creche. Também, falar da pulsão de vida que sustentam as tradições e que expandem o universo mítico simbólico do patrimônio civilizatório africano-brasileiro abrigando a presença das comunalidades em nosso cotidiano. Sendo assim, constatamos a relevância em se trabalhar buscando a arkhé da territorialidade aproximando os educadores/as desse patrimônio africano-brasileiro levando em consideração as narrativas inaugurais que fundam Arenoso.

Por outro lado, o trabalho desenvolvido na perspectiva africano-brasileira se desenvolve de maneira abundante oportunizando vivências dos princípios éticos e estéticos dando vida ao currículo da escola que de maneira imbricada aos conteúdos trabalham durante todo o ano letivo com o repertório que contempla o pertencimento cultural e civilizatório dos alunos/as com músicas, polirritmia de base percussiva, danças como o ijexá, narrativas preciosas, capoeira, dramatizações, brinquedos, decoração da escola, enfim toda a demonstração viva da riqueza na diversidade das expressões culturais africana.

Quanto à pertinência do currículo pluricultural, as linguagens africano-brasileiras são tratadas de maneira contínua que partem de reflexões críticas do grupo, com pesquisas e formação continuada de maneira a contemplar a construção dos valores comunais como o respeito aos mais velhos, amor a natureza, fortalecimento identitário, entre outros aspectos. Aqui fica evidenciada a importância desta pesquisa que será um legado para os outros estudantes e professores que desejam pesquisar este universo de linguagens pedagógicas e adentrar em uma perspectiva que contemplem a diversidade.

Também é importante refletir acerca da responsabilidade das nossas escolas em contemplar perspectivas jurídicas e caminhar a partir da Lei 10.639/03 e da lei 11.645/08 relacionadas ao direito à alteridade de nossas crianças garantindo a inserção do patrimônio das comunalidades africano-brasileiras. Assim como, também, destacando os modos de vida, que apelem para as formas de linguagens, além de estimular o fomento de idéias que ilustrem e promovam esta rica vivência no currículo das escolas de Educação Infantil na Bahia e, no Brasil.

Autorizada a citação e/ou reprodução deste texto, desde que não seja para fins comerciais e que seja mencionada a referência que segue. Favor alterar a data para o dia em acessou-o:

CORREIA, Rosângela Acciolly Lins. Awon omodé: as linguagens africano-brasileiras no currículo da educação infantil. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, maio 2010. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Awon_omode.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2010.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Márcio Nery. Pluralidade Cultural e educação: Articulando o Currículo Escolar com o Referencial Mítico da Comunalidade. Sementes Caderno de Pesquisa/Universidade do Estado da Bahia. Campus I. Departamento de Educação, - v.5, nº 7 (Jan./dez. 2004). – Salvador: Editora da UNEB – EDUNEB, 2004.

DIOUF, Sylviane A. **As tranças de Bintou**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **Abebe**: a criação de novos valores na educação. SECNEB, Editora, Salvador, 2003.

_____. **Casa Grande Senzala e Kilombos**: Qual o território do Currículo dos Cursos de Formação de Professores? Sementes: Caderno de Pesquisa, Salvador, V.2 n.3/4 Jan/dez. 2001.

_____. **Abebe**: a criação de novos valores na educação. SECNEB, Editora, Salvador, 2000.

LUZ, Marco Aurélio. (jan./dez. 2000). Do “Negro Como Objeto de Ciência” aos Estudos Negros. Narcimária Correia do patrocínio Luz (Org.). *Sementes: Caderno de Pesquisa* (Vol. 1, nº. 1). Salvador: EDUNEB.

_____. **Agadá**: dinâmica da Civilização africano-brasileira. Salvador: EDUFBA, 2002.

_____. Em entrevista a Fala Nagô em 10/2007.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio à Razão Sensível**. 4.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães. (jan/dez 2204). Abordagem Etnográfica na Investigação Científica. Narcimária Correia do Patrocínio (Org.). Sementes: Caderno de Pesquisa (Vol. 5, nº 7). Salvador: EDUNEB.

NICOLIN, Janice de Sena. Artebagaço Odeart: ecos que entoam a mata africano-brasileira do Cabula. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia. Salvador: Uneb, 2007.

SANTOS, J. T. **Mapeamento dos terreiros de Salvador**. Salvador: Ceao/UFBA, 2008. V. 1.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a Discriminação do Negro no Livro Didático**. Salvador: EDUFBA, 2001.